

## NÃO SER O PRIMEIRO A INSTALAR ARMAS NO ESPAÇO

José Monserrat Filho \*

*“Se o espaço exterior, sem fronteiras nacionais e abrigos naturais, está destinado a ficar repleto de armas, o maior perigo pode vir de acidentes, alarmes falsos e mau funcionamento dos sistemas de comando.”* Alexei Arbatov e Vladimir Dvorkin in “Outer Space: Weapons, Diplomacy, and Security”, Carnegie Endowment for International Peace, USA, 2010, p. 100.

A grande imprensa brasileira não deu importância ao fato, mas a verdade é que a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) aprovou, no dia 5 de dezembro, uma resolução recomendando a seus 183 países-membros que nenhum deles seja o primeiro a instalar armas no espaço.

A medida não tem força de lei, mas seu peso político não é nada desprezível.

Aprovada por 126 votos, com 40 abstenções e apenas quatro votos contrários (EUA, Geórgia, Israel e Ucrânia), a resolução indica, claramente, que, se houvesse democracia nas relações internacionais, os países derrotados não poderiam ignorá-la facilmente, como ocorre hoje.

A Rússia, autora da resolução, chamou esse resultado de “brilhante”. Segundo nota de sua chancelaria, “a vontade da comunidade internacional tem demonstrado vivamente que nossa iniciativa é importante, moderna e conta com amplo apoio”, informou o “Space Daily”.

A resolução, apresentada em outubro e aprovada inicialmente pelo Comitê de Desarmamento das Nações Unidas, teve mais de 34 países como co-autores, entre eles a Bielorrússia, o Brasil, a China e Sri Lanka, que participaram ativamente na elaboração do projeto.

Há razões para tal mobilização. O cenário espacial inspira cuidados. Hoje, já existem armas prontinhas da silva para serem instaladas em órbitas da Terra. São as armas antissatélite, cuja tecnologia de desenvolvimento e produção há muito deixou de ser segredo para, pelo me-

nos, três potências espaciais: Estados Unidos, China e Rússia.

Mas quem ousará ser o primeiro colocar armas no espaço? Há quem aposte nos EUA, onde alguns generais têm dito publicamente que a guerra no espaço é inevitável. Moscou não parece disposta. Os governantes chineses são comedidos e cautelosos. Tudo indica que eles já dispõem da tecnologia e do equipamento necessários para uma guerra espacial, mas não demonstram o desejo de anunciar essa capacidade aos quatro ventos. Pelo contrário. Em fevereiro de 2008, a China e a Rússia, unidas, apresentaram na Conferência de Desarmamento, em Genebra, Suíça, o projeto de um “Tratado sobre a Prevenção da Instalação de Armas no Espaço Exterior e da Ameaça ou Uso da Força Contra Objetos Espaciais”, cuja tramitação está bloqueada desde o começo.

Se ratificado, sobretudo pelas grandes potências, esse tratado proibiria os países signatários de pôr em órbitas da Terra qualquer tipo de arma, bem como de empregar a força militar no espaço.

A diplomacia russa considera a resolução sobre o compromisso de “Não ser o Primeiro a Instalar Armas no Espaço” como “importante passo no avanço natural rumo à elaboração de um tratado obrigatório sobre “a Prevenção da Instalação de Armas no Espaço Exterior e da Ameaça ou Uso da Força Contra Objetos Espaciais”. A iniciativa inclui como elemento-chave o apelo para o início imediato das negociações

\* *Vice-Presidente da Associação Brasileira de Direito Aeronáutico e Espacial (SBDA), Diretor Honorário do Instituto Internacional de Direito Espacial, Membro Pleno da Academia Internacional de Astronáutica (IAA) e Chefe da Assessoria de Cooperação Internacional da Agência Espacial Brasileira (AEB). Este artigo reflete apenas a opinião do autor.*